

FOUCAULT E EDUCAÇÃO: A SEXUALIDADE E AS RELAÇÕES DE PODER PARA PENSAR A EDUCAÇÃO

Priscila Gomes dos Santos

Universidade Federal de Alagoas. Email: priscilagomes142@gmail.com

Walter Lima Matias (Orientador).

Universidade Federal de Alagoas. Email: waltermatias@gmail.com

Resumo: O filósofo francês Foucault legou importantes contribuições em seus estudos que auxiliam a compreensão do presente e seus fenômenos. Ao seguir desse projeto, os estudos sobre a biopolítica. Nesta investigação, utilizamos a pesquisa qualitativa, cujo recurso básico é a descrição. Assim, a discussão está embasada na análise bibliográfica, pois permite apreender importantes eixos da temática e, conseqüentemente, sua discussão, no tocante a contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico, além de subsidiar apontamentos sobre a temática. A sexualidade é um ponto crucial das relações de poder, é na sexualidade que somos quem somos (CHAUÍ, 2008), nas produções discursivas, de saber-poder, assim como o modo como nos subjetivamos. Foucault, com base em seus estudos, proporciona problematizar como o sujeito moderno se subjetiva no contexto liberal, sendo aí que nos situamos como problematizadores, em termos filosóficos e pedagógicos. O poder, num sentido geral, tem várias faces: ele pode incitar, pode interditar, faz calar, assim como produz efeitos de verdade. Todas essas relações implicam como o sujeito se subjetiva. Sob a ótica foucaultiana, essas relações de poder, do ponto de vista da sexualidade, giram em torno da dominação, da administração, dos sujeitos. E, portanto, implica como os sujeitos se subjetivam, contribuir com a maquinaria do sistema capitalista. Para a perspectiva pedagógica, é válido o questionamento acerca de como a escola está contribuindo nesse processo de formação de sujeitos. Os textos-base utilizados neste artigo foram *Repressão sexual: a nossa (des)conhecida* (2008), *História da sexualidade 1: a vontade de saber* (2013) e *Michel Foucault: história, ética e subjetivação* (2015).

Palavras-chave: Biopolítica; Foucault; Sexualidade; Escolarização.

INTRODUÇÃO

O filósofo francês Foucault legou importantes contribuições em seus estudos que auxiliam a compreensão do presente e seus fenômenos. Este artigo é resultado do projeto de pesquisa intitulado “Biopolítica e educação: escolarização segundo alguns conceitos de Michel Foucault”, cujo plano de trabalho específico é “conceituando biopolítica e escolarização”, no ciclo 206-2017 do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Os estudos sobre a biopolítica foram continuados, com ênfase nos estudos foucaultianos acerca do saber.

A partir da investigação iniciada, vê-se que o discurso é um importante eixo na produção das verdades. Essas problemáticas analisadas estarão relacionadas ao campo da educação, ou seja, ao processo de escolarização.

Os estudos aqui empreendidos auxiliam a desvelar as ‘verdades imutáveis’ atribuídas à escolarização, posicionando-se nos aspectos filosófico e pedagógico para contribuir na compreensão do presente, sobretudo, com a emergência das crises educacionais que o Brasil

enfrenta. Os objetivos desta pesquisa são problematizar as conceituações foucaultianas para discutir a educação, o processo de escolarização, tendo em vista a ciência, a modernidade, as relações de poder, a sexualidade e o processo de subjetivação dos sujeitos.

Desse modo, os estudos concentram-se sobre as relações de poder e os processos de subjetivação.

METODOLOGIA

Nesta investigação, utilizamos a pesquisa qualitativa, que, segundo Fazenda (2000), é uma forma de trabalho metodológico, cujo recurso básico é a descrição. Complementando a perspectiva do autor, a pesquisa qualitativa, nesse caso, sob os vieses filosófico e pedagógico, busca compreender os fenômenos discutidos por Foucault sem que as considerações sejam imobilizadoras, no sentido de obter conclusões imutáveis, tecendo considerações que auxiliem a compreender o presente e possibilitem caminhos e olhares outros.

Assim, a discussão está embasada na análise bibliográfica, pois permite apreender importantes eixos da temática e, conseqüentemente, sua discussão, no tocante a contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico, além de subsidiar apontamentos sobre a temática. É no sentido de investigar a análise conceitual que seguimos com o aprendizado de aprender a elaborar uma discussão teórica e conceitual no âmbito da graduação, importante no processo de formação do estudante.

Por ser uma modalidade de conhecimento de aspectos da realidade, de interpretar e compreender o mundo, utilizamos princípios de Severino (2010) para ler os textos filosóficos, principalmente, a leitura analítica que o autor defender, sendo considerada como um processo de decodificação com vistas à apreensão de um determinado fenômeno, realidade. Nesta pesquisa, demos ênfase à etapa de leitura de reelaboração reflexiva, cujos conhecimentos são relacionados à realidade, sendo propiciadas novas considerações para apreender a realidade e seus fenômenos.

Objetiva-se com a pesquisa fazer uma leitura analítica de algumas obras sobre a temática foucaultiana, sobretudo o livro *História da Sexualidade I* (2013). Assim, o objetivo desse estudo é apreender os aspectos discutidos por Foucault em relação aos conceitos de poder, de saber e da verdade, entre outros aspectos utilizados pelo autor. Tais desdobramentos buscam compreender os contributos desse teórico, de modo a poder possibilitar, posteriormente, elucidar alguns aspectos educacionais.

É nesse sentido que, com base num ponto de vista foucaultiano, abordaremos os textos do próprio Foucault e de autores que discutem os textos desse autor para discutir e delimitar historicamente a constituição da relação entre as relações de poder na modernidade assim como o processo de subjetivação do sujeito, o cuidado de si, a parrésia, entre outros conceitos para pensar a educação com um outro olhar, um outro posicionamento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO CONCLUSÕES

A pesquisa, como ponto de partida, desdobrou-se a analisar e investigar os estudos sobre essas relações de poder e os processos de subjetivação discutidos por Foucault. Para isto, os textos-base que fomentam a discussão foram *Repressão sexual: a nossa (des)conhecida* (2008), *História da sexualidade 1: a vontade de saber* (2013) e *Michel Foucault: história, ética e subjetivação* (2015).

Os estudos dos conceitos foucaultianos como nos livros *Nascimento da Biopolítica* (2013) e *História da sexualidade 1: a vontade de saber* (2013) fazem referência à constituição do sujeito na modernidade. Segundo Chauí (2008), os escritos foucaultianos têm importância sobretudo para o campo educacional, por possibilitarem a reflexão de possibilidades de pensar as questões emergentes da contemporaneidade.

Foucault, em *História da sexualidade 1: a vontade de saber* (2013), analisa as relações de poder na sociedade capitalista moderna, mostrando que o poder não é apenas coercitivo, negativo, opressor ou que está situado em quem manda e falta em quem obedece, mas que o poder é incitado, é capilar, pode ser positivo. É nesse ponto que as estratégias biopolíticas se ensejam. Além disso, pode-se perceber a relação que o autor discute entre a relação poder-saber-prazer.

A relação poder-saber-prazer é um eixo central nas discussões tratadas por Foucault (2013). Nesse sentido, pode-se concluir que a sexualidade seja um ponto central no controle da população (FOUCAULT, 2008) em termos biopolíticos assim como implica a subjetivação dos sujeitos. O capitalismo, portanto, inaugura uma ‘produção da sexualidade’ e uma vontade de saber sobre tal sexualidade. O ocidente opôs-se a uma ciência da sexualidade, a uma vontade de saber sobre ela (FOUCAULT, 2013; CHAÚÍ, 2008). Essa relação de subjetivação ocorre nos diversos âmbitos públicos, seja na escola, seja na igreja.

Emergem assim como estratégias importantes nessa produção de saber, de verdade, a confissão e a produção de discursos sobre a sexualidade. É comum considerar que a produção de saberes sobre a sexualidade apenas exclui, omite, oculta o sexo; pelo contrário, a produção de saber-

poder¹ sobre a sexualidade diz, não diz, incita, interdita, entre outros aspectos, tanto as práticas discursivas como as não discursivas, que têm implicações importantes na composição discursiva mais geral (BARBALHO, 2015, p.116) e, “[...] Mais do que as velhas interdições, esta forma de poder é exigida para exercer presença constante, atenta e, também, curiosa, ela implica proximidades, procede mediante exames e observações insistentes” (FOUCAULT, 2013, p. 43). É na modernidade que se dá a ênfase acerca da sexualidade nesse sentido múltiplo. No próprio dizer de Foucault:

O sexo não se julga apenas, **administra-se. Sobreleva-se ao poder público**; exige procedimentos de gestão; deve ser assumido por discursos analíticos. Mas no sentido pleno e forte que se atribuía então a essa palavra [...] **como majoração ordenada de forças coletivas individuais** (Ibid., p. 31, grifos nosso).

Há uma correlação entre o sexo, o discurso, a biopolítica e a escola, pois a partir do século XVIII surge a ‘população’, uma nova técnica de poder, como problemática no sentido político e econômico (FOUCAULT, 2013), conseqüentemente, biopolítico, como, por exemplo, natalidade, escolarização, habitação, entre outros. Portanto,

Todas essas variáveis situam-se no ponto de intersecção entre os movimentos próprios à vida e os efeitos particulares das instituições [...]. No cerne deste problema econômico e político da população: **o sexo**; [assim,] é necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecunda ou estéreis, o efeito do celibato ou das interdições, a incidência das práticas contraceptivas. [...] **é a primeira vez em que, pelo menos de maneira constante, uma sociedade afirma que seu futuro e sua fortuna estão ligados [...] à maneira como cada qual usa seu sexo. Passa-se [...] para um discurso em que onde a conduta sexual da população é tomada, ao mesmo tempo, como objeto de análise e alvo de intervenção; [...]. Através da economia política da população, forma-se toda uma teia de observações sobre o sexo. Surge a análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e o econômico** (Ibid., p. 27-28, grifo nosso).

Deste modo, a sexualidade implica o processo de escolarização, ou seja, a

[...] **sexualidade existe: precoce, ativa, permanente**. Mas ainda há mais: **o sexo do colegial passa a ser**, no decorrer do século XVIII — e mais particularmente do que o dos adolescentes em geral — **um problema público**. Os médicos se dirigem aos diretores dos estabelecimentos e **aos professores, também dão conselhos às famílias; os pedagogos fazem projetos e os submetem às autoridades; os**

¹ De modo sucinto, a relação entre o poder e o saber ocorre ao passo que as relações de força constituem o poder, assim as relações de forma constituem o saber. O ponto em que o poder e o saber se ancoram é no sujeito (VEIGA-NETO, 2003, p.157 apud BARBALHO, 2015, p. 103).

professores se voltam para os alunos, fazem-lhes recomendações e para eles redigem livros de exortação, cheios de conselhos médicos e de exemplos edificantes. Toda uma literatura de preceitos, pareceres, observações, advertências médicas, casos clínicos, esquemas de reforma e planos de instituições ideais, prolifera em torno do colegial e de seu sexo (FOUCAULT, 2013, p. 30, grifo nosso).

Chauí (2008) salienta que a sociedade moderna dá origem a algo raro, incomum, que é a ciência da sexualidade, a vontade de saber sobre ela, no sentido de controlá-la, por isso se fala sobre o sexo e muito, havendo interdições, provocações etc. Com isso, na modernidade, o saber científico da sexualidade não é mais a perspectiva religiosa do pecado ou não pecado de encarar o sexo, mas, pelo contrário, a melhor forma de administrá-lo. Essas observações implicam tais questões, conseqüentemente, o modo como cada sujeito lida com seu sexo, ou melhor, é um aspecto que perpassa a subjetividade do ser, tanto o ser individual quanto o ser coletivo. Ancora-se a consideração do caráter paradoxal das relações de poder diante da problemática do poder múltiplo, capilar, pois o poder pode tanto incitar quanto interditar as relações de poder, as relações biopolíticas.

Diante da maquinaria capitalista, a autora tece algumas contribuições ao modo de encarar o sexo, ela discute a produção de verdades, de modo de encarar o poder de modo que

[...] a sociedade capitalista desenvolve não apenas técnicas para transformar todo o **corpo numa máquina de trabalho** (a racionalização puritana), mas ainda **técnicas para corrigir, disciplinar, vigiar e punir os corpos que não se ajustaram à produção, criando os corpos dóceis: disciplinados, operosos, assexuados**. ‘A função tripla do trabalho sempre está presente: **função produtiva, função simbólica e função de adestramento ou disciplinar**’, escreve Foucault. Para quem a função simbólica e [a] disciplinar são as mais importantes porque estão ligadas ao problema da dominação (CHAUÍ, 2008, p. 152, grifo nosso).

A sexualidade perpassa essas relações de poder, como a autora considera na citação anterior, havendo um viés múltiplo das técnicas de poder, que são produtivas, simbólicas e disciplinares. No modelo capitalista, o corpo é uma ferramenta de trabalho, de contribuir ao sistema e, portanto, de alimentá-lo. Na empresa, na fábrica, precisa-se de corpos docilizados e assexuados, principalmente. As técnicas giram em torno da dominação. Chauí (2008) mostra que as estratégias de biopoder, da biopolítica promovem a produção de verdade e a potencializam.

No processo de escolarização, é preciso questionar como a questão da verdade, da produção discursiva, da sexualidade, das relações de poder age sobre a escola, sobre os sujeitos que dela fazem parte. Qual o posicionamento dos professores nas creches, pré-escolas, escolas, até mesmo

nas universidades? Há uma linha tênue entre essas indagações, pois o poder não apenas interdita, ele age numa multiplicidade, seja ela positiva, seja ela negativa. É, portanto, com o posicionamento filosófico que nos chamamos de educadores para questionar essas relações em nosso presente (FREITAS, 2012).

Os poderes que agenciam a vida, que incluem as questões sobre a sexualidade, implicam o processo de escolarização e, por seu alcance prolongado e massivo, implica a subjetivação dos sujeitos, como eles lidam com seu sexo.

Nas instituições de ensino, podemos questionar a incitação e a interdição, ou seja, os dizeres e não dizeres sobre o sexo (produção discursiva e não discursiva). Sendo assim, desde a educação infantil, as crianças são educadas nessa relação múltipla em relação ao sexo, quando há separação entre menino e menina nas filas, na organização da sala, nas brincadeiras direcionadas para cada gênero, advindo os discursos dessas relações, entre outros. É importante frisar que essas questões não são unilaterais, como já citado, a produção que diz respeito ao sexo é múltipla, por isso, “o que interessa [...] é compreender como se produzem [esses] deslocamentos, revelando o que pode estar submerso, através do que se fala ou deixa de falar” (BARBALHO, 2015, p.117).

A produção discursiva, como Bert afirma (2013, p. 183 apud BARBALHO, 2015, p.117), “sendo o discurso um canal não neutro de arguição, encontra-se indissociável de mediações materiais, perante regras de comportamento, tipos de classificação, técnicas de governo de si, e ‘efeitos sobre o real’”. É segundo essa visão que podemos compreender mais um pouco nossa realidade, sobretudo no campo educacional. Na escola, como essas produções discursivas, a ciência da sexualidade está implicando a sociedade e o processo de subjetivação dos sujeitos?

Esses não são questionamentos que têm respostas prontas, conclusivas, mas, assim como Foucault se posicionava, têm as possibilidades diversas que o real proporciona desvelar (1987 apud BARBALHO, 2015, p. 117). Diante disso, os efeitos são múltiplos desses poderes que agem sobre a vida e sobre a subjetividade das pessoas. Porém sabemos que, como citado, esses poderes agenciam a dominação, a administração para melhor contribuir na maquinaria capitalista, implicam práticas de si, cuidado de si², alimentando esse sistema sob diferentes maneiras, seja o poder positivo, seja negativo, seja o discurso que interdita, seja o discurso que incita.

² Tais conceitos são discutidos por Foucault nos seus últimos estudos. Esses conceitos, no campo educacional, carecem de investigações profundas, visto que não se trata especificamente de um debate pedagógico. Porém, a amplitude dos estudos foucaultianos permite os nexos para tal. Há uma produção acadêmica considerável sobre a temática, a que pretendemos dar continuidade.

Cabe, aqui, questionar sobre o posicionamento dos educadores diante dessas considerações. É necessário um posicionamento reflexivo diante dessas relações, ou seja, nos processos educativos, de problematizar a realidade, de modo a sair do comodismo, da “zona de conforto”, seja da práxis educativa, seja de orientação teórica, seja pessoal, de considerar a realidade como dada, imutável, natural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão tratada neste trabalho é rica, considerando a ampliação do campo teórico que, ancorado nos pressupostos foucaultianos, permite à investigação a desvinculação de uma análise linear, ou melhor, investigações que levem a conclusões reducionistas. Assim, podemos trazer apontamentos frente à contemporaneidade, investigando as manifestações do poder moderno, enfatizando o sujeito como eixo principal que perpassa toda a discussão.

A sociedade moderna inaugura o ‘conceito’ de população, a vida encarada frente ao poder (FOUCAULT, 2008), nesse sentido, o sujeito acompanhou essa mudança em face das relações de poder, sobretudo, porque a biopolítica surge para controlar os fenômenos e problemas próprios da população, do coletivo, enquanto o poder disciplinar age sobre os corpos individuais.

A sexualidade é um ponto crucial das relações de poder, é na sexualidade que somos quem somos (CHAUÍ, 2008), nas produções discursivas, de saber-poder, assim como o modo como nos subjetivamos.

Foucault, com base em seus estudos, proporciona problematizar como o sujeito moderno se subjetiva no contexto liberal, sendo aí que nos situamos como problematizadores, em termos filosóficos e pedagógicos.

O poder, num sentido geral, tem várias faces: ele pode incitar, pode interditar, faz calar, assim como produz efeitos de verdade. Todas essas relações implicam como o sujeito se subjetiva. Sob a ótica foucaultiana, essas relações de poder, do ponto de vista da sexualidade, giram em torno da dominação, da administração, dos sujeitos. E, portanto, implica como os sujeitos se subjetivam, contribuir com a maquinaria do sistema capitalista. Como exemplo, nas instituições escolares, há sempre a demarcação sobre a sexualidade, seja ela sutil, seja explícita; nas fábricas ou empresas, onde os corpos dóceis e assexuados produzem bons índices, lucros; ou no incentivo à natalidade, o discurso, no intento a produzir novos corpos-máquina a serviço do capital, a majoração.

Para a perspectiva pedagógica, é válido o questionamento acerca de como a escola está contribuindo nesse processo de formação de sujeitos. São corpos a serem melhorados para o trabalho ou são sujeitos críticos que estão sendo formados?

A escola é parte constitutiva da sociedade moderna, ainda mais nos moldes em que ela hoje se apresenta, que advêm da modernidade. E como parte da modernidade, o processo de escolarização está formando sujeitos com certas habilidades, aptidões, entre outras características. Ou seja, os sujeitos são formados implicando, conseqüentemente, seu processo de subjetivação, sendo ofertado esse tipo de escolarização. Paradoxalmente, há diversos tipos de educação, com diferentes ‘objetividades’, o que, para a sociedade capitalista, resulta do investimento feito pelos pais nos filhos³, assim como diferem de classe social.

É de suma importância que essas relações que geralmente são dadas como naturais sejam postas em xeque e venham a ser indagadas de modo a redefinir espaços e limites que possam ser aprofundados ou ultrapassados dessas relações de saber-poder.

A crise educacional que o Brasil enfrenta na contemporaneidade requer novas formas de enxergar e problematizar o presente e suas relações.

Vale ressaltar que as considerações e apontamentos feitos ao logo desse projeto são implicações iniciais de estudos que estão em curso e que enriquecem a graduação, principalmente do ponto de vista teórico.

REFERÊNCIAS

BARBALHO, José Ivanilson Silva. Excurso sobre a coragem da verdade e a relação com o saber-poder em Michel Foucault. In: BARBALHO, José Ivanilson Silva (Org.). **Michel Foucault: história, ética e subjetivação**. Maceió: Edufal, 2015.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual essa nossa (des)conhecida**. 1ª edição, 1984. 9ª edição. Revisão: José G. Arruda Filho e Nobuka Rachi. São Paulo: Editora Brasiliense. 2008.

FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez. 2000.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 23ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2013.

FREITAS, Alexandre Simão de. Foucault e a Educação: um caso de amor (não) correspondido? In: PAGNI, Pedro Ângelo; BUENO, Sinésio Ferraz; GELAMO, Rodrigo Pelloso (Org.). **Biopolítica**,

³ A perspectiva econômica a relações que não necessariamente são econômicas (FOUCAULT, 2008).

arte de viver e educação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. 51-71 p. ISBN 978-85-7983-274-1

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Como ler um texto de Filosofia.** São Paulo: Paulus. 2009.